

JORNALISMO E FEMINISMO: do que tratam as teses e dissertações em Comunicação do período de 2001 a 2018?

JOURNALISM AND FEMINISM: what Communication's theses and dissertations from 2001 to 2018 are about?

Ana Carolina D. ESCOSTEGUY¹

Simone Munir DAHLEH²

Universidade Federal de Santa Maria | Brasil

Resumo

Neste artigo, buscamos descrever a relação que se estabelece entre a pesquisa focada no jornalismo e feminismo(s), por meio de um levantamento de teses e dissertações da área da Comunicação, do período de 2001 a 2018. Os trabalhos foram rastreados pela palavra-chave "feminismo". Do total localizado, 20 teses e 59 dissertações, foram identificadas doze pesquisas que vinculam jornalismo e feminismo. Diante da acentuada reverberação pública, intelectual e acadêmica que o(s) feminismo(s) tem gerado, no contexto global, conclui-se que o ritmo de crescimento desse tema na Comunicação tem sido brando até 2015. Por fim, a principal tendência observada diz respeito uma clara ênfase nos aspectos discursivos e textuais do jornalismo.

Palavras-chave

Jornalismo; Comunicação; Feminismo; Estado da arte; Pesquisa.

Abstract

In this article, we seek to describe a relationship that defines between research focused on journalism and feminism (s), through a survey of theses and dissertations in the Communication area, dated from 2001 to 2018. The articles were searched and selected by the keyword 'feminism'. In the total of 20 theses and 59 dissertations, eleven researches linking journalism and feminism were identified. Given the marked public, intellectual, and academic reverberation that feminism(s) produced, within the global context, in conclusion, the pace of growth of this theme in Communication has been slow until 2015. Finally, the main trend observed has a clear emphasis on the discursive and textual aspects of journalism.

Keywords

Journalism; Communication; Feminism; State of art; Research.

RECEBIDO EM 30 DE AGOSTO DE 2019
ACEITO EM 09 DE OUTUBRO DE 2019

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, Pesquisadora do CNPq. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. Contato: carolad2017@gmail.com

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFSM). Bacharel em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda (UNIPAMPA). Contato: simonemunird@gmail.com

Introdução

A partir de um levantamento, rastreado pela palavra-chave “feminismo”, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, delimitado à área da Comunicação, no período de 2001-2018, foi possível identificar um corpus que cruza jornalismo e o primeiro termo³. Na primeira busca, mais ampla, encontramos 20 teses e 59 dissertações. De um total de 79 pesquisas, em nova triagem, doze enfocam o jornalismo: 3 teses e 9 dissertações. Por meio desse último conjunto, nosso objetivo é descrever a confluência entre esses dois pares: estudos de jornalismo e feminismo, observando há existência ou não de tendências nessa relação.

Nosso trabalho agrega-se ao realizado por Fernanda Coruja (2018) que apresenta um panorama de como o campo da Comunicação tem problematizado o feminismo em um período de seis anos, de 2010 a 2015, como também ao elaborado por Monica Martinez, Cláudia Lago e Mara Lago (2016) que trata especificamente das relações entre os estudos de gênero e de jornalismo no Brasil, no período de 2010 a 2014. Ainda, conflui com inventário de uma década (1992-2002) da pesquisa em Comunicação e gênero (ESCOSTEGUY; MESSA, 2008) onde se conclui que tais vínculos são pouco explorados. Conclusão compartilhada pelas três análises, embora seja evidenciado um crescimento no interesse pelo feminismo na década atual (2010). Os dados de Coruja (2018) corroboram essa ideia: em 2010, existem dois trabalhos em Comunicação e “feminismo”⁴, enquanto que, em 2015, o número sobe para 11.

³ Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa interessada nas apropriações de temas associados ao (s) feminismo (s) e ao pós-feminismo, veiculados pelo programa Amor e Sexo da Rede Globo por telespectadoras mulheres, proposta de dissertação de mestrado de Simone Munir Dahleh, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação de Ana Carolina D. Escosteguy.

⁴ O rastreamento de Coruja (2018) leva em conta a presença do termo “feminismo” no título e/ou resumo e/ou palavras-chave de dissertações e teses, defendidas entre 2010-2015. Seu levantamento registra sete teses e 14 dissertações, totalizando 21 pesquisas.

Entretanto, trabalho mais extenso e aprofundado, realizado por Tainan Tomazetti (2019), que inventaria as dissertações de mestrado e teses em Comunicação que se articulam com os estudos de gênero, do período de 1972 a 2015, registra que há uma predominância da problematização de questões referentes ao jornalismo (29% do total), entendido ora como “um campo de pensamento ou através de uma relação mais empírica com jornalismo de revista, impresso ou telejornalismo” (TOMAZETTI, 2019, p. 44)⁵.

Mesmo assim, o levantamento de Martinez et al (2016) que toma o acervo de papers apresentados desde o primeiro encontro anual da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em 2003, até 2014, identifica um total de apenas sete trabalhos, sendo cinco deles produzidos entre 2010-2014. Esta análise confirma a paulatina preocupação com o tema “gênero” na presente década. Todavia, ressalta-se a possibilidade de que papers resultantes de teses e dissertações sobre o tema sejam apresentados em outros fóruns que não o da área especializada em Jornalismo já que o levantamento de Tomazetti (2019, p. 93) registra 17 pesquisas como teses e dissertações em comunicação feminista e de gênero, no período 2010-2015.

Enfim, é obrigatório ressaltar que as análises mencionadas tomam diferentes base de dados (Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, acervo da SBPJor, banco de dados do Núcleo de Pesquisa Cultura e Recepção Midiática/UFRGS) e palavras-chave associadas, mas não plenamente equivalentes - feminismo e gênero. E, ainda, a delimitação temporal também não é coincidente. Tudo isso dificulta combinar os dados com o objetivo de tecer conclusões mais consistentes e abrangentes⁶.

⁵ Faz-se a ressalva que o autor computou separadamente os estudos de internet, redes sociais e sites (10 % do total). Segundo nosso ponto de vista, nesse último conjunto talvez seja possível encontrar pesquisas que se atravessam com os estudos de jornalismo.

⁶ Reconhecemos que o inventário apresentado não é exaustivo. Por exemplo, nosso rastreamento não identificou a dissertação de mestrado de Jessica Gustafson Costa, Jornalismo feminista: estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, 2018. Possivelmente, ela não tenha sido cadastrada na plataforma da CAPES até a data de nosso acesso.

Apesar disso, todas as análises mencionadas estão situadas no âmbito das pesquisas denominadas “estado da arte” que têm o objetivo de mapear e discutir uma determinada produção científica, buscando responder quais aspectos vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares (FERREIRA, 2002). No nosso caso, seguimos a orientação de Ferreira (2002, p. 265): primeiro, mapear um determinado período temporal e área de conhecimento; segundo, inventariar esse material, “imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando os trabalhos em si”. Na delimitação aqui apresentada, realizamos uma segunda triagem dentro do campo da Comunicação, recortando apenas os estudos de jornalismo⁷.

Logo, os procedimentos adotados foram: consulta ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES⁸ via o rastreamento da palavra-chave “feminismo”; posteriormente, seleção de conjunto de pesquisas da área da Comunicação. A seguir, localizamos as teses e dissertações. Para tal, em um primeiro momento, foi consultada a própria plataforma da CAPES. No caso daquelas que não estavam disponíveis nesse reservatório, acionamos buscadores da internet por meio de seus títulos.

No que diz respeito ao rastreamento Comunicação/Feminismo, no período de 2001 a 2018, foram encontradas 20 teses. Apenas não conseguimos acesso ao texto integral de uma tese⁹. Em termos de dissertações, foram encontradas 59, mas não obtivemos acesso ao texto integral de treze¹⁰.

⁷ A discussão sobre a definição e fronteiras dos estudos de jornalismo é vasta e não faz parte de nossos objetivos recuperá-la. Considera-se suficiente assinalar que engloba o fenômeno jornalismo, incluindo os distintos agentes de produção e consumo, o texto jornalístico, bem como as instituições. E, obviamente, compreende uma diversidade de meios (jornal, revista, televisão etc).

⁸ Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/>. Acesso em: 28 mar. 2019.

⁹ VELOSO, Ana Maria da Conceição. Gênero, Poder e Resistência: As mulheres nas indústrias culturais em 11 países. Tese de Doutorado, UFPE, 2013.

¹⁰ SOUZA, Elisete Josefa de. Vulvas Orgânicas: A autoformação da militância feminista nas redes sociais. UERJ, 2016; SILVEIRA, Dionísio Pedro da. Adélia Prado: a matriz. PUC-SP, 2003; DIAS, Iara de Jesus. Mulheres jornalistas. USP, 2001; KIRALY, Elaine Cristina. Middlemarch: Um Estudo da Condição Feminina

O que se apresenta a seguir são resultados ainda iniciais e, sobretudo, descritivos, sobre o inventário das pesquisas que entrecruzam jornalismo e feminismo, do período 2001-2018. Dispensamos a apresentação de notas sobre o(s) feminismo(s) e os estudos feministas, dado que proliferam mapeamentos, análises, recuperações históricas que ora utilizam a metáfora das ondas, ora as criticam, sobretudo, pelo apagamento das particularidades tanto do(s) movimento(s) quanto da(s) teoria(s) de Norte a Sul. Entretanto, não desconhecemos a variedade de caracterizações sobre eles – movimento e teoria, bem como a dificuldade de vislumbrar consensos a respeito. Igualmente relevante é nosso reconhecimento da especificidade do seu desenvolvimento no Brasil, principalmente, no contexto da ditadura militar e na redemocratização e, em especial, de seu impacto diferenciado e brando na configuração de uma agenda de pesquisa no âmbito dos estudos de comunicação, de lá até os dias de hoje (ESCOSTEGUY, 2019).

Do que tratam as teses e dissertações

As três teses agrupadas tratam da atuação das mulheres no jornalismo e das representações de sua figura tanto no jornalismo impresso quanto no digital (FERNANDES, 2015; Escobar, 2017; Feldmann, 2018). Do grupo, duas tematizam a questão racial e suas representações no jornalismo.

A tese de Danubia Fernandes (2015, UFRJ), “Mulher, mulata e migrante: modalidades representativas de uma tripla alteridade em jornais da Europa” tem como objetivo principal analisar as modalidades de representação de

Inglesa no Século XIX. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999; CALLADO, Ana Arruda. Amazona, Valquíria e Vitória-régia. UFRJ, 1995; SANTOS, Erica Ramos Sarmet dos. “Sin Porno no hay Posporno”: Corpo, Excesso e Ambivalência na América Latina. UFF, 2015; SOUZA, Rafaela Martins de. Exploda minha cidade teorias feministas e o cinema de Chantal Akerman. UEL, 2018; MATEUS, Suzana Maria de Sousa. Narrativas do feminino nas performances de Beyoncé. UFPE, 2018; SILVA, Ana Beatriz Rangel Pessanha da. Comunicação e Gênero: as narrativas dos movimentos feministas contemporâneos. UFRJ, 2017; ALMEIDA, Amanda Queiroz de. #Girlswithtattoos: o corpo como território social. Universidade Tuiuti do Paraná, 2017; LUNA, Amanda Matos de. Assim que nasce uma criança, nasce uma mãe. UNAMA, 2018; BATISTA, Beatriz Beraldo. Por saias e causas justas: Feminismo, comunicação e consumo na Marcha das Vadias São Paulo. ESPM, 2014; LIMA, Luísa Guimarães. Quem é Você Mulher: construção e representação do feminino em revista. UnB, 2005.

mulheres brasileiras, negras e migrantes, nos jornais da Europa. Para tal, a autora investiga uma tripla alteridade, a partir de perspectivas históricas, sociológicas e filosóficas. A “mulher, mulata e migrante” é cartografada em análises que percorrem os estudos de gênero e de pós-gênero (por exemplo, Donna Haraway e Monique Wittig). Logo na introdução, a autora justifica algumas questões. Uma delas é a escolha por usar “mulata” no título e no decorrer do texto. A intenção é que essa palavra gere um desconforto. O leitor deve se sentir incomodado com esse termo, pois atrás dessa escolha, há uma articulação com uma proposição crítica e consciente dos sentidos que lhes são atribuídos. Fernandes se utiliza dos escritos de autoras como Judith Butler e bell hooks.

O eixo central da tese diz respeito à representação midiática da alteridade no discurso jornalístico. Danubia Fernandes se dedica primeiramente a análise do “discurso de autoridade do jornalismo” que dá base para a sub-representação e a invisibilidade de grupos minoritários nas páginas dos jornais. Posteriormente, apresenta o “discurso de alteridade do jornalismo” que marca uma possibilidade de inclusão. Na pesquisa empírica, a autora investiga jornais franceses, italianos, espanhóis, portugueses e ingleses, com o objetivo de verificar as constantes e as variáveis dessas representações a partir da metodologia proposta pelos estudos críticos do discurso. Também entrevista mulheres brasileiras que vivem na Europa. As experiências dessas mulheres entrevistadas compõem a tese, indicando novos caminhos para uma análise que combina jornalismo, alteridade e racismo. Danubia conclui que o *outro* [grifo da autora] jornalismo não deve significar renúncia à objetividade e nem aos valores de verdade como princípio dessa área. Ou seja, o jornalismo de alteridade é aquele que se preocupa com o Outro, preserva as diferenças, sem estereotipar, mesmo que isso constitua discursos menos objetivos e, por isso mesmo, complexos. Jornalismo e gênero compõem as palavras-chave do trabalho.

Embora o fenômeno jornalístico em si mesmo não ganhe expressão na tese “Para encher os olhos: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no jornal A Razão (1960-1980)”, de Giane Escobar (2017, UFSM), trata-se de pesquisa importante para a discussão sobre comunicação e questões de gênero, raça e classe ou, em termos mais amplos, de feminismo negro e interseccional relacionado à área da Comunicação. Desenvolve uma análise cultural que pretende dar conta de um sentimento de segregação e racismo, de opressões cruzadas – raça e classe, da sociedade de uma determinada localidade do Rio Grande do Sul. Utilizando-se de fontes variadas, entrevistas, a coluna social do Jornal A Razão, acervos documentais diversos (pessoais e do próprio clube social negro analisado), a autora dá relevância tanto as ações do clube pela afirmação e visibilidade negra quanto a reprodução de sentimento segregacionista e racista pela coluna social do jornal A Razão, por três décadas (1960, 1970 e 1980). Teoricamente, lança mão de um arsenal cruzado dos estudos culturais (Raymond Williams e Stuart Hall) e do feminismo negro nacional e internacional (Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Angela Davis e bell hooks, entre outras). Entre as palavras-chave destaca-se estudos culturais, mídia e feminismo negro.

A tese de Anna Flavia Feldmann (2018, USP), “Feminismo em pauta: um estudo sobre mulheres e jornalismo alternativo” objetiva analisar a temática feminina no jornalismo alternativo a partir do diálogo entre o campo da comunicação, do jornalismo e dos estudos de gênero no Brasil. Através de um panorama histórico de publicações jornalísticas brasileiras, a autora ressalta que as mudanças e evoluções dos meios abrem caminho para a valorização e emancipação da mulher. Anna Flavia Feldmann ressalta o impacto político-social de eventos e fatores que proporcionam vinculação da mulher com o jornalismo alternativo. Segundo a autora (2018, p. 20), a categoria

“alternativo” no jornalismo sugere um campo de estudos com abordagens interdisciplinares, com apoio de narrativas jornalísticas independentes e que, de certa forma, fogem do escopo hegemônico ou convencional. A estratégia metodológica principal do trabalho é a história oral – metodologia que faz uso de entrevistas.

A pesquisa aborda a igualdade de gênero no contexto jornalístico e, por meio do debate sobre o protagonismo feminino, acredita-se numa ampliação do diálogo sobre a democratização da comunicação. Anna Flavia Feldmann conclui que grandes empresas de comunicação sobrevivem, mas dividem espaço com novos meios e iniciativas com múltiplos formatos, que oferecem mais liberdade de publicação e expandem as possibilidades do exercício do indivíduo receptor-emissor. A tese permitiu observar que o jornalismo alternativo foi o espaço para entrada, consolidação e desenvolvimento das bandeiras feministas nos meios de comunicação. Feldmann ressalta ainda que o feminismo e o jornalismo alternativo não são áreas de fácil assimilação na academia, mas que, justamente pelo caráter contra hegemônico de ambas, é interessante combiná-las. Além disso, afirma que é por meio dos canais alternativos que o feminismo se insere no jornalismo. Porém, ressalta que é necessário que o feminismo ultrapasse a barreira do alternativo para sobreviver e permanecer como pauta constante na mídia. Os termos feminismo e jornalismo compõem as palavras-chave de sua tese.

Em termos de dissertações, encontramos 59 trabalhos. Como já indicamos, não foi possível acessar treze deles. Dos 46 restantes, aqueles que articulam jornalismo e feminismo são nove. Duas pesquisas (Costa, 2015; Cardoso, 2017) trazem a revista como objeto de suas análises. A relação da internet com o feminismo e o jornalismo ganha destaque na pesquisa de Braga (2018). O aborto é central em dois trabalhos, um com relação aos discursos jornalísticos acerca do aborto e o outro, tratando da forma como a temática se apresentou nas eleições de 2010, no Recife (Silva, 2014; Lemos, 2014). Ainda,

o jornalismo, seja como palco de disputas, espaço de trabalho, arena de transformações do movimento feminista ou como condição na divulgação de mulheres integrantes dos movimentos sociais feministas, aparece respectivamente em quatro dissertações (Cardoso, 2004; Luz, 2014; Monteiro, 2016; Machado, 2018).

A dissertação de Elizabeth Cardoso (2004, ECA – USP), “Imprensa feminista pós-1974” busca discutir o projeto do movimento feminista brasileiro na imprensa feminista do país. O objetivo central da pesquisa é analisar os jornais feministas, tentando identificar como as transformações do movimento feminista reverberaram nos projetos editoriais desses jornais. A autora ainda se dedica a inventariar o material por ela encontrado - 75 periódicos. Por meio da literatura especializada no feminismo brasileiro e de sua pesquisa de campo, a autora afirma que a imprensa feminista pós-1974 pode ser dividida em duas fases distintas: primeira e segunda geração. A primeira estaria preocupada com as questões de classe e com as diferenças sociais e a segunda, pautada pela questão de gênero.

A dissertação de Carolina Silva (2014, UFG), “Como estes e não outros em seu lugar? Um olhar parcial sobre as condições de existência de discursos jornalísticos acerca do aborto” busca, a partir de um olhar parcial – politicamente interessado, um corpo feminino, não branco, colonizado – analisar as condições que possibilitam a existência de discursos jornalísticos sobre o aborto voluntário. O trabalho tem como fundamento teórico-metodológico as reflexões sobre o discurso, desenvolvidas por Michel Foucault, os estudos feministas, pós-coloniais e as teorias construcionistas do jornalismo. A partir disso, a autora toma o jornalismo como uma formação discursiva moderna, regida por uma ordem específica, cujo os discursos são possíveis devido a condições sócio-históricas. O corpus da pesquisa é composto por seis textos jornalísticos sobre a temática do aborto, apresentados pelo jornal *Folha*

de S. Paulo entre as décadas de 1950 e 2000. Para analisar estes discursos, a autora utiliza-se das condições sócio-históricas de produção, considerando suas relações interdiscursivas e com outros domínios não discursivos. Segundo a autora, “todo e qualquer discurso existe na medida em que condições sócio-históricas possibilitam a sua existência” (SILVA, 2014, p. 138). Como considerações finais, ressalta que, nas seis décadas analisadas, o jornalismo da FSP produziu diversos, heterogêneos e contraditórios discursos sobre o aborto, que foram legitimados por uma multiplicidade de estratégias jornalísticas. Essas estratégias possibilitaram ao discurso jornalístico produzir além de positivities, silêncios. O jornalismo constitui possibilidades para construção de uma hegemonia moderna, que busca silenciar e colonizar copos marcados pela diferença. Contudo, Carolina Silva não deixa de salientar que essa construção está aberta às transformações, que por sua vez, são suscitadas pelo próprio discurso jornalístico. Jornalismo e feminismo constam nas palavras-chave do texto.

A dissertação de Lis Carolinne Lemos (2014, UFPE) “Não é pela vida das mulheres: o aborto nas eleições de 2010”, buscou abordar como o aborto é enquadrado/representado na cobertura jornalística, particularmente no período da eleição presidencial de 2010. A autora constatou que a midiaticização da política e das eleições mostra que é necessário analisar as relações construídas entre o público e os candidatos. A cobertura dos jornais priorizou enquadramentos noticiosos que se aproximavam dos ideais defendidos pelos políticos. O corpus da pesquisa abrangeu as edições do *Jornal do Commercio* (PE) e *Folha de São Paulo*, entre os meses de setembro a outubro de 2010. A metodologia utilizada no trabalho é a análise de conteúdo. Feminismo e enquadramento compõem as palavras-chave do trabalho.

A dissertação de Suelyn Luz (2014, Unesp), “A participação das mulheres nos movimentos agroecológico e feminista e a contribuição do jornal Brasil de Fato” objetiva discutir o feminismo e a agroecologia. Suelyn Luz busca

analisar a contribuição do jornal Brasil de Fato na divulgação de notícias sobre as mulheres integrantes de movimentos sociais feministas e movimentos sociais agroecológicos do campo. Para isso, tomou como base teórica uma concepção de feminismo, particularmente, da corrente ecofeminista, localizada em um contexto histórico específico, de formação dos movimentos sociais feministas e de mulheres camponesas. A escolha em analisar o jornal Brasil de Fato, se dá por ser uma publicação alternativa que, segunda a autora, se auto intitula popular. Luz analisa os textos constantes nas 52 edições, publicados ao longo de 2013. A metodologia utilizada pela autora em sua pesquisa é a análise de conteúdo. Percorrido em seu trabalho a vinculação do tripé teórico feminismo, agroecologia e comunicação popular-alternativa, Luz acredita que foi possível constatar que o jornal Brasil de Fato contribui na luta pelas reivindicações dos movimentos feministas e de mulheres camponesas e agroecológicas. Feminismo e imprensa alternativa constam nas palavras-chave do texto.

Em 2015, selecionamos a dissertação de Tatiane Leal Costa (2015, UFRJ), "A mulher poderosa: construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro". A autora analisa as capas de revistas brasileiras que têm propagado a ideia de um estereótipo da "mulher poderosa" (termo que ela usa para se referir a essas representações). No seu entendimento, essas revistas se dedicam a expor uma ideia de superioridade feminina e um discurso que convoca as mulheres a transformações individualistas. A metodologia utilizada é a análise do conteúdo das reportagens de capas de revistas, relacionadas à temática do que ela chama de "nova mulher", via as categorias de beleza, emoção, feminismo, feminilidade e trabalho. A autora entende o conceito de pós-feminismo como marcado por múltiplas visões. Enquanto algumas correntes demarcam seu fim, outras pretendem mantê-lo, embora demande transformações e novas possibilidades de pensá-lo. Nesse sentido, a autora

afirma que o pós-feminismo pode ser entendido tanto como um conceito teórico quanto como um *buzzword*¹¹ jornalístico. Gênero, pós-feminismo e mídia constituem as palavras-chave do trabalho.

A dissertação de Lieli Monteiro (2016, ECA – USP), “Estupro na imprensa: o processo de trabalho de jornalistas e profissionais de direito na cobertura do caso Roger Abdelmassih pelo jornal *Folha de S. Paulo* (2009-2015), na perspectiva de estudos de jornalismo, da legislação e das práticas do Poder Judiciário e dos estudos feministas”, busca por meio da leitura da referida cobertura jornalística desvendar o processo de produção das notícias e as condições de sua veiculação. A autora utiliza-se dos estudos de jornalismo, de direito e dos estudos de gênero. Em um primeiro momento, inicia a análise empírica do conteúdo jornalístico produzido pelo jornal *Folha de S. Paulo* entre janeiro de 2009 e maio de 2015, particularmente, sobre os acontecimentos relacionados à investigação, ao julgamento, à fuga e à prisão de Roger Abdelmassih, um especialista em reprodução humana assistida condenado a 278 anos de prisão por cometer crimes contra a dignidade sexual de 37 pacientes. Em busca de respostas para as interrogações lançadas pela cobertura jornalística, a autora entrevista jornalistas e profissionais do direito envolvidos no caso. Na análise de conteúdo do jornal *Folha de S. Paulo*, constata o uso de termos inadequados para nominar as vítimas e o agressor – por exemplo, na primeira reportagem sobre o caso, a FSP escolheu usar o substantivo “acusadoras” para definir as mulheres que denunciaram o agressor. A pesquisa da autora mostra que ao deslocar-se dos fatos jurídicos, a cobertura jornalística confinou a violência sexual ao universo privado, deixando de tratar como um problema de saúde pública. Além disso, não promoveu a divulgação de informações que poderiam contribuir para a construção da cidadania da mulher. Igualmente, não revelou nem

¹¹ Jargão de algo que se torna ‘moda’ em determinado contexto ou período.

problematizou as desigualdades de gênero presentes nesse tipo de crime. Nesse sentido, a imprensa prejudicou os avanços nas políticas públicas para o combate e enfrentamento da violência de gênero em geral e, em específico, do estupro. Ao mesmo tempo, contribuiu para a manutenção da cultura do estupro. As palavras-chave feminismo, jornalismo, violência contra a mulher e estupro integram o trabalho.

A dissertação de Viviane Cardoso (2017, Faculdade Cásper Líbero), “Minha roupa não é um convite’: Uma análise da construção do discurso feminista da revista Elle Brasil”, busca compreender de que maneira essa revista constrói um discurso feminista. A pesquisa lança mão do pensamento de Michel Foucault a fim de investigar o discurso feminista construído na/pela revista. O trabalho tem como base os estudos sobre a imprensa feminina brasileira, realizados por Dulcília Buitoni, e os escritos teóricos de Judith Butler, principalmente, em “Problemas de Gênero”. A metodologia do trabalho é constituída por um levantamento bibliográfico seguido da análise de edições da Elle Brasil. A autora analisa três números da versão nacional que utilizam a palavra “feminismo”, publicados entre 2010 e 2015, período correspondente ao recorte metodológico da pesquisa. Cardoso analisa ainda mais cinco números que complementam sua pesquisa. Estes, escolhidos por abordarem temas relacionados a padrão de beleza, identidade de gênero e representatividade. A autora conclui que a revista aborda o feminismo, mas não o mantém enquanto temática central de sua linha editorial. Apesar de abrir espaço para diferentes vertentes do feminismo contemporâneo, a maior parte dos materiais relacionados a essa temática alinham-se ao ideário neoliberal, ligado ao consumo. Os termos feminismo e jornalismo constam nas palavras-chave do trabalho.

A dissertação de Leila Braga (2018, UFPR) analisa 48 notícias sobre o movimento feminista postadas nas páginas do Facebook dos jornais O Povo,

do Ceará; Gazeta do Povo, do Paraná; e O Globo, de circulação nacional. O período do corpus da pesquisa justifica-se por coincidir com a criação das respectivas páginas nessa rede social, de 2010 até 2017. O trabalho toma como base a teoria de Nancy Fraser e, a partir daí, busca responder ao problema de pesquisa: como o movimento feminista é enquadrado pelo jornalismo? Metodologicamente, faz uso da análise do enquadramento multimodal - análise da imagem apresentada na matéria; análise da narrativa e do enquadramento noticioso. Braga conclui que os três jornais não apresentam diferenças relevantes em suas coberturas. Destaca ainda que, embora esse dado se apresente como positivo ao movimento feminista, os elementos visuais e narrativos tratam o feminismo com estranhamento. Além disso, as feministas são vistas como uma categoria diferente dentro do espectro do que seria considerado mulher na sociedade. Nas palavras-chave do trabalho constam movimento feminista e enquadramento multimodal.

A dissertação de Viviane Machado (2018, UFES), "O jornalismo como palco de disputas discursivas: o movimento feminista no Jornal A Gazeta do Espírito Santo (1986-2016)"; busca entender como os discursos feministas são construídos no âmbito discursivo do jornalismo, em particular no jornal mencionado, no período de 1986 a 2016. Como base teórico-metodológico, o trabalho se utiliza da hermenêutica de profundidade, proposta por Thompson (2011). A autora produz uma análise quantitativa de dados e analisa seis textos selecionados, sob a perspectiva teórica da Análise Crítica do Discurso, proposta por Norman Fairclough. As conclusões indicam que há uma diversidade no conteúdo publicado sobre o movimento feminista. Entretanto, apesar de a maior parte dele estar publicado em espaços dedicados a produtos ficcionais e culturais, foram identificados textos com carga política. Estes contestam padrões machistas e conservadores, ilustram a luta por direitos igualitários entre homens e mulheres e, também, discutem ideais e pontos de vista do feminismo. A autora salienta que a reprodução de discursos feministas no

Jornal A Gazeta não se limita a construções positivas. Portanto, identificam-se textos que reproduzem um estereótipo de mulher, voltado para o lar e para questões domésticas, como também da mulher hipersexualizada e excluída de posições de poder na sociedade. Destaca-se ainda um fato problemático: a escolha por vozes masculinas para tratar de assuntos feministas. Feminismo e jornalismo compõem as palavras-chave do texto.

Considerações finais

As doze pesquisas do nosso *corpus*, teses e dissertações, referentes ao período de 2001 a 2018, que tencionam feminismo e jornalismo, são de autoria feminina. O levantamento de Lago et al (2016), embora considere produção acadêmica (*papers*) e período diferentes (2010-2014), apontava para essa exclusividade. Já o de Coruja (2018), com abrangência temática maior – Comunicação/Feminismo, aponta para 90% de autoria de pesquisadoras e 10% de pesquisadores. Consideramos que não há um único significado para tal predomínio que deveria também ser visto em relação ao contingente estudantil nos cursos de graduação e pós-graduação em comunicação no país. Entretanto, historicamente, a preocupação com temáticas referentes ao feminismo tem sido quase uma exclusividade das mulheres.

Se analisarmos as regiões dessa produção acadêmica, a maior concentração está no Sudeste (USP, Cásper Líbero, UNESP, UFRJ), com oito trabalhos. Um trabalho foi defendido na região Sul (UFSM), outro na região Centro-Oeste (UFG) e outro, na região Nordeste (UFPE). Não foi computado nenhum trabalho com origem na região Norte. A predominância do Sudeste tem sido recorrente (ESCOSTEGUY; MESSA, 2008; CORUJA, 2018; TOMAZETTI, 2019). Esse último mapeamento indica que a produção sobre comunicação/gênero está concentrada 66% nessa região. Vale lembrar que os primeiros cursos de pós-graduação em comunicação se originam em São Paulo e no Rio de Janeiro onde atualmente há uma concentração desses programas.

No que diz respeito ao período analisado (2001-2018), observa-se apenas uma pesquisa na primeira década do século XXI, as demais são defendidas a partir de 2014, portanto, na década corrente. O levantamento de Tomazetti (2019), com uma perspectiva temporal mais longa (1972-2015), evidencia que, em olhar comparativo, há um significativo aumento na produção comunicação/gênero somente a partir de 2010 (11 pesquisas no ano), sendo 2015 o que apresenta maior volume (35 no ano). A combinação desses dados fortalece a conclusão de que só muito recentemente a problemática, seja feminismo/jornalismo, seja gênero/comunicação, ganha fôlego no campo dos estudos de comunicação¹².

Apesar da escassez de trabalhos sobre a problemática - jornalismo/feminismo, é possível esboçar uma tendência: nota-se uma clara ênfase nos aspectos discursivos e textuais do jornalismo, embora metodologicamente variada. Por exemplo, a análise de conteúdo é privilegiada em cinco trabalhos (CARDOSO, 2017; LUZ, 2014; LEMOS, 2014; COSTA, 2015; MONTEIRO, 2016); a análise do discurso é opção em três pesquisas (MACHADO, 2018; FERNANDES, 2015; SILVA, 2014) e o enquadramento multimodal em uma (BRAGA, 2018). Em vários estudos, a técnica da entrevista é combinada às metodologias mais textuais ou discursivas – por exemplo, nas três teses do nosso corpus. Ainda, encontramos uma única pesquisa que privilegiou as condições de produção jornalística e/ou os processos produtivos e nenhuma focou em aspectos do consumo/recepção/leitura.

A opção pelas variadas formas de textos/narrativas/discursos jornalísticos, combinados ou não ao uso das entrevistas, do nosso ponto de vista, não referenda o diagnóstico de Martinez et al (2016, s/p) sobre “o predomínio de artigos teóricos em detrimento de estudos empíricos, que vão

¹² A observação de Leal e Antunes (2019) de que a produção acadêmica em comunicação/gênero da virada do século foi vista por Ana Carolina Escosteguy (2008) com “otimismo”, é correta. Os mapeamentos indicados aqui revelam que o ritmo de crescimento foi bastante brando até 2015.

a campo para tentar compreender a realidade”. No corpus analisado não encontramos nenhuma pesquisa de caráter eminentemente teórico.

Por fim, considera-se a análise de Tainan Tomazetti (2019) que abarca de 1972 a 2015, período onde foram produzidas 13.265 dissertações de mestrado e teses em Comunicação. Desse total, o autor identifica 316 pesquisas que realizam algum tipo de interface com os estudos de gênero, conformando três vertentes: os estudos feministas e/ou sobre a mulher, os estudos LGBT e/ou *queer* e o estudo de masculinidades. Segundo seus resultados, há claramente a predominância da primeira vertente - 76% do total. Ao rastrear a produção acadêmica de 2001-2018 por meio do par feminismo/jornalismo, nosso *corpus* demonstra plenamente que “as questões que impulsionam essas pesquisas estão [...] vinculadas à desnaturalização das relações de poder que determinam as desigualdades de gênero ou ainda às particularidades da vida e do cotidiano das *mulheres*” (TOMAZETTI, 2019, p. 45) [destaque das autoras]. O plural do termo “mulher” é fundamental na medida em que a tematização de intersecções entre gênero, classe e raça, presente no inventário, sinaliza certa visibilidade para a importância da alquimia entre distintas categorias sociais.

Referências

- CORUJA, Paula. Comunicação e Feminismo: um panorama a partir da produção de teses e dissertações do campo da Comunicação entre 2010 e 2015. **Revista Ártemis**, v. XXV, n. 1; jan-jun, 2018. p. 148-162.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; MESSA, Márcia Rejane. **Os estudos de gênero na pesquisa em comunicação**. In: Escosteguy, A. C. (org.) Comunicação e gênero – a aventura da pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Mídia e questões de gênero no Brasil: pesquisas, categorias e feminismos. In: GT Comunicação, gêneros e sexualidades, XXVIII Encontro Anual da Compós. **Anais...** Porto Alegre, PUCRS, 2019, 11 a 14 de jun. de 2019.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, Agosto/2002.

LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton. Desafios metodológicos à pesquisa sobre gênero e Comunicação: reflexões a partir de narrativas de um problema cotidiano. In: GT Comunicação, gêneros e sexualidades do XXVIII Encontro Anual da Compós, **Anais...** Porto Alegre, PUCRS, 2019, 11 a 14 de jun. de 2019.

TOMAZETTI, Tainan. **Genealogias dissidentes:** os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação do Brasil (1972-2015). Tese em Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

CORPUS ANALISADO

BRAGA, Leila Pereira. **Questão de justiça:** paridade participativa no enquadramento midiático do movimento feminista. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CARDOSO, Viviane Garbelini. **Minha roupa não é um convite**": uma análise da construção do discurso feminista da revista Elle Brasil. Mestrado em Comunicação. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2017.

CARDOSO, Elizabeth da Penha. **Imprensa feminista pós-1974.** Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

COSTA, Tatiane, Leal. **A mulher poderosa:** construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro. Mestrado em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ESCOBAR, Giane Vargas. **"Para encher os olhos"**: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do clube treze de maio de santa maria no jornal A Razão (1960-1980). Doutorado em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

FELDMANN, Anna Flavia. **Feminismo em pauta:** um estudo sobre mulheres e jornalismo alternativo. Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, 2018.

FERNANDES, Danubia de Andrade. **Mulher, mulata e migrante:** modalidades representativas de uma tripla alteridade em jornais da Europa. Doutorado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LEMOS, Lis Carolinne. **Não é pela vida das mulheres: o aborto nas eleições de 2010 Recife.** Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

LUZ, Suelyn Cristina Carneiro da. **A participação das mulheres nos movimentos agroecológico e feminista e a contribuição do jornal brasil de fato.** Mestrado em Comunicação. Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2014.

MACHADO, Viviane Ramos. **O jornalismo como palco de disputas discursivas:** o movimento feminista no jornal a gazeta do espírito santo (1986-2016). Mestrado em Comunicação e Territorialidades. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

MONTEIRO, Lieli Karine Vieira Loures Malard. **Estupro na imprensa: o processo de trabalho de jornalistas e profissionais de direito na cobertura do caso Roger Abdelmassih pelo jornal Folha de S.Paulo (2009-2015), na perspectiva de estudos de jornalismo, da legislação e das práticas do Poder Judiciário.** Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SILVA, Carolina Rodrigues Freitas e. **COMO ESTES E NÃO OUTROS EM SEU LUGAR?** Um olhar parcial sobre as condições de existência de discursos jornalísticos acerca do aborto. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

